

Atividades de design como capital cultural: novas tendências nos países latino-americanos

Miwako Suzuki

2020

Conteúdo

Introdução

Capítulo 1 – O pensar da América Latina e o novo arcabouço

1.1 Retornar ao ponto de vista de William Morris

1.2 Para o arcabouço de uma teoria interdisciplinar

1.3 O design como capital cultural

1.4 Por que a América Latina?

Capítulo 2 - Brasil: A união do design com o artesanato

2.1 Um país com potencial e dificuldades

2.2 O florescimento do mundo do design

2.3 O que a ativação do artesanato proporciona

2.4 Políticas de promoção relacionadas à artesanização do artesanato

2.5 As possibilidades do design com a artesanização

2.6 As políticas para o design baseadas na regionalidade e na diversidade

Capítulo 3 - Costa Rica: os designers empreendedores

3.1 O desenvolvimento e a diversificação exigida pela indústria nacional

3.2 A diferença entre a procura e a oferta dos designers

3.3 Os designers que empreendem no mundo da moda

3.4 O significado da atividade do design associada ao empreendimento

3.5 O motivo de ser a área da moda

3.6 O potencial da atividade do design gerada pelo empreendimento

3.7 Pensar a abordagem, do campo de atuação ao planejamento político

Capítulo 4 - Argentina: usufruindo as redes sociais

4.1 Pensar o arcabouço do capital social e do capital cultural

4.2 Da crise financeira para a promoção das indústrias criativas

4.3 A contribuição das áreas do design que se fortalecem

4.4 O progresso do Networking

4.5 As redes mudarão a atividade do design

4.6 A utilização democrática do capital cultural

4.7 Os quatro pontos de vista para pensar a política

4.8 A cidade criativa e a democratização da atividade do design

Capítulo 5 - O modelo de mudança para uma sociedade sustentável

5.1 Criando uma estrutura de circulação sustentável a partir da atividade do design

5.2 Pela individualização e democratização da política de design

Conclusão

Posfácio

Aditamento para publicação da versão em português

Bibliografia

Sobre a autora

Créditos

Introdução

Este livro aborda as práticas do design na América Latina, partindo de exemplos no Brasil, Costa Rica e Argentina. No Brasil, na cidade de São Paulo, a designer Silvia Sasaoka criou a *Straat* onde desenvolve projetos de artesanato juntamente com os artesãos de regiões rurais e periferias urbanas. Na Costa Rica, a designer industrial Lucrecia Loría criou uma marca de sandálias na qual ela mesma desenha e produz em uma pequena fábrica da vila com aproximadamente dez funcionários. Na Argentina, Beatriz Galán, professora de design industrial na Universidade de Buenos Aires criou uma rede chamada *RED* (rede). E Luciano Cassisi, designer gráfico e administrador da FORO ALFA aproveitou-se da web 2.0 e criou uma plataforma de troca de ideias relacionadas ao design.

Por que devemos nos atentar mais às atividades relacionadas com os designers? Qual é a semelhança entre eles? A resposta para essas perguntas é: “O potencial do design para mudar a sociedade”.

No Brasil, assim como a *Straat* de Silvia Sasaoka colabora com diversas ONGs e cooperativas de artesãos, muitos designers criam suas próprias empresas sociais ligadas à produção de artesanato. A América Latina é uma região que apresenta muitos problemas sociais como a desigualdade e a pobreza. Em contrapartida, é cada vez mais crescente a participação dos cidadãos, os setores sem fins lucrativos, os movimentos sociais e a busca por uma nova forma de desenvolvimento. Para os designers a produção artesanal é atrativa não apenas por possuir qualidades que a produção em massa não apresenta, mas principalmente porque enxergam nela um potencial para solucionar os problemas sociais. Ao somar o design e seu potencial à produção artesanal, o resultado seria uma manufatura que geraria renda, permitindo as regiões carentes prosperarem.

No Brasil, o alinhamento da produção artesanal com as políticas sociais e o desenvolvimento regional gerou vários resultados e um exemplo é o mercado artesanal que já atingiu 2,8% do PIB ou aproximadamente 11 bilhões de dólares.

A prática artesanal colaborativa com os designers, não é apenas uma forma de revitalizar a própria prática, mas também é uma forma de incentivar as pequenas e médias empresas, proporcionar a ativação regional, a diminuição da desigualdade regional e social, a geração de empregos e a diversificação da indústria. E ainda, promover a transmissão e evolução das culturas, a recuperação da identidade cultural, a manutenção da diversidade cultural, o fortalecimento do poder civil e a redução dos problemas ambientais. Ao unir o design com o artesanato, se cria um certo impacto na percepção e na execução do designer: a incorporação do artesanato tradicional com uma técnica manual acabou se tornando uma identidade da moda brasileira, abrindo novos horizontes para as indústrias de vestuário do Brasil. Assim, podemos dizer que o design aliado ao artesanato é um elemento essencial para a sociedade brasileira atual.



Silvia Sasaoka da Straat



Sasaoka em oficina na Associação de produtores de rendas em Morro da Mariana (Foto: Zaida Siqueira)

A Costa Rica é conhecida pela sua diversidade biológica e ecoturismo. Neste pequeno país situado na América Central, quando se trata de indústrias manufatureiras são as indústrias ligadas ao capital externo, como as de vestuário e circuitos elétricos. Apesar da estrutura industrial não valorizar o design, designers como Lucrecia Loría escolheram o caminho de criar o seu próprio negócio, participando desde a criação do produto até a venda. Ao combinar o design com os negócios, o próprio designer é também o empreendedor, garantindo deste modo a alta qualidade e a identidade única do design, além de abarcar os aspectos do capital e da técnica, gerando assim uma relação de benefício mútuo. As atividades corporativas orientadas pelo design, possuem como especialidade a fabricação de produtos únicos e a independência do capital estrangeiro. Apesar de sua menor escala, estão ligadas à ativação das pequenas e médias empresas e à diversificação das indústrias. E à mudança no sistema de produção e de gastos, até então controlado pelo capital estrangeiro. Além disso elas podem criar uma estrutura que possibilita a formação da sua própria cultura, resultando em maior autonomia e diversificação cultural.

Em 2005 a cidade de Buenos Aires, capital da Argentina, foi nomeada pela rede global de cidades criativas da UNESCO como a cidade do design. Porém em 2001 este país sofreu uma das maiores crises econômicas do mundo, levando os designers a passarem por um inevitável jogo de sobrevivência. No meio desse declínio econômico e social, a participação ativa dos designers usando as redes sociais foi a força motriz para a recuperação do país. Beatriz Galán, por exemplo, transformou a crise em uma oportunidade para resolver os problemas sociais e desenvolver as práticas de design nas comunidades, criando uma rede de comunicação que possibilita a troca de estudos empíricos além das fronteiras. Através dessas redes foram difundidas práticas de design social na sociedade, difíceis de realizar isoladamente, como melhorias nas favelas, cooperação na produção de produtos de empresas sociais e projetos para os socialmente vulneráveis e as pessoas portadoras de deficiência.

Na Argentina há encontros anuais para troca de estudos e experiências que reúnem aproximadamente 8.000 pessoas e

existe também um networking além das fronteiras. O FORO ALFA criado por Luciano Cassisi, já em 2011 conseguiu atingir mais de 100 mil participantes nacionais e internacionais na comunidade inovadora de jornalismo de design (*design journalism*). As pessoas ligadas ao design estão criando uma ampla cooperação solidária. Mas a mudança mais surpreendente foi o networking do designer independente que se tornou empresário. Um grupo de designers fundou um bairro concentrado de marcas famosas chamado Palermo Soho, que atualmente é conhecido também como um dos pontos turísticos do país. O impacto que os designers geraram nas indústrias e na sociedade é tão grande a ponto de conseguir provar o valor existencial do design sob diversos aspectos. Na Argentina o *network* é um instrumento de amplificação da força do design e um fator de democratização das atividades contribuindo assim para a recuperação da sociedade e das indústrias.

No Japão não chegam muitas informações sobre o assunto, porém a América Latina por não praticar o design convencional é conhecida como “região desenvolvida” em design alternativo. Atualmente as pessoas ligadas ao design na AL estão transformando a sociedade através do design. Neste cenário, existe uma sociedade instável carregada dos problemas típicos latino-americanos, sendo assim os próprios designers também precisam enfrentar as dificuldades e as limitações. As pessoas que trabalham com design possuem um certo estímulo para as reformas sociais, dessa forma elas aproveitam esta situação de dificuldade socioeconômica para a aplicação do design nas atividades de ONG e empresas sociais, nos movimentos sociais, na política e redes sociais, tecnologias de informação e comunicação, possibilitando assim a sua expansão.

Cada prática do designer que traz uma mudança para a sociedade, pode ser vista como uma mudança para uma sociedade sustentável, que está relacionada a um tema bem amplo. Neste livro utilizo a América Latina como exemplo para apontar por fim o que o design pode proporcionar para a construção de uma sociedade sustentável.

O conceito de sociedade sustentável é muito vago e amplo, e no Japão ainda não existe nenhuma pesquisa ou prática de

design relacionado diretamente a este tema. Porém, observando a situação exclusiva do Japão, podemos dizer que este não é apenas um ideal e sim uma situação inevitável a se abordar, e para alcançar uma sociedade sustentável é essencial a mudança social. Podemos dizer que o Japão aspira as mudanças sociais através de práticas de design no modelo latino-americano. É claro que por causa das diferenças econômicas, industriais, sociais e da qualidade de vida, elas não poderão ser aplicadas exatamente da mesma forma. Porém, o exemplo dos designers latino-americanos que enfrentaram graves crises e dificuldades, resulta em muitos aprendizados que servem ao Japão na construção de uma sociedade sustentável através das práticas de design.

No primeiro capítulo examinaremos as atividades de design e faremos um levantamento das novas estruturas e abordagens. Para conceber qual seria idealmente a atividade do design na reformulação de uma sociedade para a sustentabilidade, é necessário adotar abordagens não adotadas até o momento. Essas abordagens permitirão demonstrar o potencial multifacetado do design. Por este motivo incluímos neste livro alguns conhecimentos de economia da cultura, principalmente o conceito de capital cultural segundo David Throsby como base para situar o processo de design como um capital cultural imaterial. A palavra design inicialmente possui dois significados: um vem do verbo “to design” (desenhar, projetar, no idioma inglês) e o outro do substantivo “design” (projeto). Neste livro o foco será no verbo, na ação do design, desta forma vamos captar o design como um capital cultural imaterial. Ao utilizar o capital cultural ou, dependendo da forma de utilização do capital cultural, pode-se mudar um meio social e contribuir para a construção de uma sociedade sustentável. Ao considerar o design como capital cultural é possível descrever a situação.

No capítulo 2, serão abordados o design brasileiro e a ligação com o artesanato, no capítulo 3 os negócios dos designers na Costa Rica, e no capítulo 4 serão levantados alguns exemplos da Argentina de práticas em torno do *networking* por pessoas relacionadas ao design. A partir destes três exemplos gostaria de evidenciar como as ações do design conseguem mudar as

situações ao redor incluindo as ligações com as políticas públicas e o cenário social.

No capítulo 5, tendo como base os resultados das análises obtidas dos três exemplos anteriores, apresento as funções e as possibilidades que o design deve promover para a formação de uma sociedade sustentável. Será investigado o caminho que o design deve tomar tendo como referências algumas teorias alternativas socioeconômicas, a teoria das cidades criativas proposta por Masayuki Sasaki, a teoria do decrescimento defendida por Serge Latouche e a economia solidária, que se expande cada vez mais na América Latina. Além do mais, mostrei sistematicamente modelos de políticas que tiveram importante papel na reformulação através do design, organizando os resultados obtidos nos estudos de caso.